

O SABER EM FRACASSO NA INAUGURAÇÃO DA PSICANÁLISE A PARTIR DO EPISÓDIO DA COCAÍNA

Carolina Esselin de Sousa Lino

Psicóloga. Mestre em Psicanálise
pela Universidade Federal de
Minas Gerais - UFMG.

N

o movimento de inauguração da Psicanálise, vemos Freud se deslocar do campo da ciência médica rumo a uma nova relação com o saber. Quando o pai da Psicanálise afirma que esta nasceu no dia em que ele interpretara o seu sonho da injeção de Irma, ele sugere que aí poderíamos encontrar algo de essencial dessa nova disciplina. Privilegiamos, como objeto de estudo, a relação do psicanalista com o saber da ciência atualizado aí através da lembrança do episódio da cocaína. O percurso possibilitou uma discussão sobre os limites do saber diante do que está em constante mutação e uma discussão sobre a condenação platônica da escritura. A conclusão é que o saber em fracasso na psicanálise não é um fracasso do saber, já que este só pode ter efeitos diante do incomensurável da sexualidade quando contém em si um núcleo de indecidibilidade.

Resumo

Palavras-chave: Psicanálise. Ciência. Saber.

Sabemos que, de início, Freud era médico e se dedicava à pesquisa do sistema nervoso de enguias no laboratório de fisiologia de Brucke. Não podemos ignorar o fato de que, inicialmente, ele tenha escolhido a medicina como profissão, tal como esta se apresenta, impregnada pelo ideal da ciência. Para que a Psicanálise, enquanto investigação dos processos mentais inconscientes, fosse inaugurada, foi preciso um percurso de obstáculos e deslocamentos, no qual tanto o discurso quanto o campo de interesse de Freud foram transformados de forma inédita. Pelo que é indicado, o nascimento da Psicanálise foi resultado de um deslocamento bastante interessante no que diz respeito ao corte no discurso da ciência.

A perspectiva de Freud (2005) a respeito das perturbações que suas descobertas causavam na ciência pode ser distinguida na previsão que realiza em seu texto “História do Movimento Psicanalítico” (1914 - 2005), no qual afirma que a ciência ignoraria por completo a Psicanálise enquanto ele vivesse, mas que, décadas depois, alguém, infalivelmente, chegaria aos mesmos resultados, conseguindo que eles tivessem sua validade científica reconhecida. (FREUD 1994-2005, p.94) Sendo assim, fica patente que, para Freud, não se tratava de oposição à ciência, mesmo que os resultados e formulações a que ele chegava revelassem os limites dela. Na verdade, a sua posição em relação à ciência é entendida como cientificismo. Jean-Claude Milner explica o que concordamos em chamar de cientificismo de Freud na medida em que aí se reconhece a função do ideal da ciência. A respeito do ideal da ciência afirma Milner (1996): “trata-se com efeito de um ponto ideal – exterior ou infinitamente distante – para o qual tendem as linhas retas do plano e que, ao mesmo tempo, pertence a todas e nelas nunca se encontra”. (MILNER, 1996, p.30) Ao identificar a ciência como um ideal para o futuro, Freud estabelece para a Psicanálise a ciência como ponto exterior ou infinitamente distante que nunca alcançará. Dessa forma, a relação entre esses dois discursos se dá por meio de uma falta interna a cada um deles, mantendo, assim, uma relação de interdependência e referência entre esses dois campos. Isso significa que uma transformação no campo da ciência atingiria a posição da Psicanálise sem que isso signifique a coincidência entre Psicanálise e ciência, já que o encontro é adiado para um futuro cada vez mais distante, a exemplo do cruzamento no infinito de retas paralelas.

Nosso trabalho aqui visa investigar a inauguração da Psicanálise procurando pelas faltas, furos e obstáculos nas investigações freudianas que contribuíram para o deslocamento com relação ao saber científico. Nas divergências da relação entre a Psicanálise e a ciência, podemos destacar a legitimidade que Freud atribuiu a uma verdade calcada nas fantasias. Freud (1976), nas “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1915-1976), expõe sua opção por não evitar as influências internas e os fatores individuais e critica o equívoco da ciência e do senso comum em considerar a consciência como o que define o psíquico (FREUD, 1976, p.34). Enquanto a ciência se limita ao que é cognoscível, a Psicanálise se vê compelida a sustentar que existe o pensar inconsciente e o desejar não apreendido. Essa posição de Freud demonstra que a Psicanálise

não se restringe ao que é estabelecido como prioridade pelo programa científico de sua época. Mas como se deu essa ultrapassagem, tendo-se em vista que, inicialmente, Freud se instalara dentro dos limites da ciência?

Em uma carta freudiana endereçada a Fliess, datada de 12 de junho de 1900, o sonho da injeção de Irma é identificado como responsável pela inauguração da Psicanálise. Eis o relato do sonho da injeção de Irma:

Um grande salão – numerosos convidados, que estávamos a receber.– Entre eles, estava Irma. Imediatamente levei-a para um lado, como se para responder a sua carta e repreendê-la por não haver aceitado ainda a minha ‘solução’. Disse-lhe o seguinte: ‘Se você ainda sente dores, é realmente por culpa sua.’ Respondeu: ‘Se o senhor pudesse imaginar que dores tenho agora na garganta, no estômago e no abdome... – estão me sufocando...’ Fiquei alarmado e olhei para ela. Estava pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, deixara de localizar algum mal orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, tendo dado mostras de resistência, como as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. – Em seguida, abriu a boca como devia e no lado direito descobri uma grande placa branca; em outro lugar, localizei extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas que, evidentemente, estavam modeladas nos cornetos do nariz.– Imediatamente chamei o Dr. M e ele repetiu o exame e confirmou-o... O Dr. M tinha uma aparência muito diferente da comum; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold auscultava-a através do corpete e dizia: ‘Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.’ Também indicou que uma porção da pele no ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, da mesma forma que ele, apesar do vestido.) ... M. disse: ‘Não há dúvida que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá a disenteria e a toxina será eliminada.’ Estávamos diretamente cômicos, também, da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto aplicara-lhe uma injeção de um preparado de propil, propilos...ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado em grossos caracteres)... Injeções dessa natureza não devem ser feitas tão impensadamente... E provavelmente a seringa não devia estar limpa (FREUD, [1900 - 1972], p. 115).

Realmente, um dos temas do sonho da injeção de Irma é a presença de colegas e de episódios que representavam para Freud o saber da medicina vigente na época, impregnado pelo ideal da ciência moderna. No conteúdo manifesto do sonho, temos os médicos: Otto, Dr. M. e Leopold. Ao associarmos livremente em torno de tal conteúdo, vemos que Freud chega a alguns pensamentos que, embora não apareçam de forma explícita no sonho, estão contemplados indiretamente nele. Temos alguns exemplos. A injeção suja que causa um mal à saúde, bem como a inflamação na garganta remetem ao episódio no qual indicara injeções de cocaína que apressaram, há muitos anos, a morte de seu colega de medicina, amigo e paciente Fleischl. Embora Freud afirme que a sua indicação foi apenas a aplicação da droga pela via nasal, os textos biográficos revelam que ele teria também sugerido o uso da cocaína pela via intravenosa. Freud recorda-se também de seu grande amigo Fliess, a partir da visualização de uma placa de infecção modelada nos cornetos do nariz da paciente e também através do composto químico trimetilamina. O autor Serge André (1998) associa a injeção suja com o saber impuro da ciência desenvolvida por este último médico e amigo de Freud.

Tendo em vista o nosso intuito de esclarecer as especificidades do saber na Psicanálise através desse sonho paradigmático, podemos nos centrar nesse aspecto que diz respeito aos erros médicos presentes em algumas experiências profissionais vividas e lembradas por Freud, especialmente aquela conhecida na literatura psicanalítica como “episódio da cocaína”. Entendemos, de acordo com a interpretação freudiana de seu sonho, que a presença dos colegas de profissão no sonho representa a relação estabelecida por Freud com o saber veiculado pelo discurso médico científico naquele contexto.

Freud associa o estado de saúde precário da paciente no sonho a um erro médico do qual ele fora acusado devido à indicação do uso da cocaína. O psicanalista o relembra da seguinte forma:

As placas nos cornetos me fizeram recordar uma preocupação que tive sobre o meu próprio estado de saúde. Vinha fazendo uso frequente de cocaína naquela ocasião a fim de reduzir algumas incômodas inchações nasais, e ouvira, alguns dias antes, que uma de minhas pacientes que seguira meu exemplo desenvolvera extensa necrose da membrana mucosa nasal (FREUD, 1900 - 1972, p. 119).

Ressaltamos aqui a fala dirigida a Freud em um tom de

reprovação por suas indicações clínicas. E ele continua: “Havia sido o primeiro a recomendar o emprego de cocaína, em 1885, e essa recomendação trouxera sérias reprovações contra mim. O uso indevido daquela droga apressara a morte de um caro amigo meu” (FREUD, 1900 - 1972, p. 120). O estudo freudiano sobre a cocaína se revelará como tentativa fracassada de reconhecimento científico. Recapitemos, pois, a experiência de Freud com a cocaína.

Em junho de 1884, Freud terminara seu artigo “Über Coca”, no qual ele indicava o uso da cocaína para toda uma sorte de sintomas. De acordo com Peter Gay, e também Ernest Jones, Freud almejava, com tal estudo, uma fama que lhe trouxesse bons rendimentos financeiros para poder se casar. Ele estava a um passo de conseguir essa fama e, de fato, suas pesquisas lhe trouxeram algum reconhecimento. No entanto, antes de concluir as pesquisas, Freud viajou para encontrar-se com sua noiva Martha e indicou a seu amigo Konigstein a realização de experimentos para averiguar a capacidade anestésica da droga. Quando ele retornou, dois colegas haviam feito tais experimentos e reivindicavam o mérito pela descoberta. Carl Koller apresentou os resultados em um congresso de oftalmologia e obteve com isso uma carreira de sucesso. Freud se retirou da cena de reivindicações porque acreditava que sua cota de responsabilidade na descoberta da cocaína estava garantida. Mas não foi bem o que aconteceu e o que restou dessa relação com a cocaína foi certa vergonha e sentimento de culpa devido à antecipação da morte de Fleischl por causa de sua indicação de que a droga pudesse ser injetada.

Freud conheceu Fleischl-Marxow quando ambos trabalhavam no laboratório de Ernst Brucke. Fleischl sofria gravemente do vício em morfina e Freud, tomado pelo desejo de ajudar o amigo, e, após ler um artigo científico sobre o assunto, indicou-lhe o uso da cocaína como forma de abster-se da outra droga. Quando a cocaína foi indicada a Fleischl, este imediatamente a administrou em si próprio sob a forma de injeções subcutâneas. Freud fica orgulhoso por vir em socorro de um paciente. Jean Allouch (1995) chama atenção para a correspondência de Freud com sua noiva Martha, em que ele confessa que a prescrição da cocaína o fez, pela primeira vez, sentir-se um médico. O que se segue é a piora de Fleischl, que logo viciara também em cocaína, chegando a um estado deplorável. Nas palavras de Ernest Jones (1989): “o homem que tentara beneficiar a humanidade ou, em todo caso, criar reputação através da cura da neurastenia era agora acusado de desencadear o mal pelo

mundo”. (JONES, 1989, p.104).

Freud introduziu, no campo de pesquisas da Europa, esse novo objeto de estudo trazido das terras longínquas do Peru. A novidade sobre a droga foi buscada com o intuito, não de escapar das exigências da ciência, mas, ao contrário, de submeter a ação da cocaína ao controle da racionalidade científica. De acordo com Jésus Santiago (2001), a cocaína, como objeto até então desconhecido na Europa, mobiliza a paixão pelo saber, própria do pesquisador por natureza que se revela Freud em tais pesquisas.

Nos estudos sobre a cocaína, Freud seguia a ambição do programa científico que Lacan situa no trio Helmholtz, Brucke e Du Bois-Reymond. Lacan (1966 - 1998) aponta a fidelidade de Freud ao cientificismo transmitido por esse programa. Trata-se de reduzir a fisiologia à termodinâmica, cujo princípio fundamental é a conservação da quantidade energética em um dado sistema, mesmo que essa energia se transforme qualitativamente. Freud, em sua empreitada científica, arquiteta seu plano com muita precisão, utilizando-se inclusive de instrumentos rigorosos de medição. Tendo em vista o aumento da capacidade de trabalho de pessoas que consomem a droga, por exemplo, soldados em guerra ou civis que passam fome, a hipótese é que a ingestão da droga modificaria a quantidade energética gasta em atividades do organismo. O foco para a medição dos efeitos da cocaína é a atividade muscular, que terá sua força medida pelo dinamômetro antes e depois da ingestão da droga.

Com uso desse aparelho de medição, Freud constatou variações da força motriz que independem da cocaína. “Esta ação intervém não em uma constante, mas sobre algo que é por si mesmo variável” (ALLOUCH, 1995, p. 33). Às variações de um dia para outro Freud dá o sentido de uma manifestação geral do humor, e tal constatação começa a colocar um obstáculo à pretensão de quantificação, já que os efeitos conseguidos com a droga podem advir também na sua ausência. Freud explica que a cocaína provoca euforia, permitindo ao sujeito dispor de maior força muscular, e que seu efeito era apenas o preenchimento da diferença entre os maus e os bons dias. Sendo assim, outros fatores interferem na energia disponível da mesma forma que o consumo da coca, e essa mudança constante inviabiliza os planos de Freud em medir a libido. A cocaína aumentava a disposição ao trabalho da mesma forma que os dias felizes quando se está com bom humor. No texto “Ânsia e temor pela cocaína” (1887), Freud chega à conclusão de que a ação irregular

da cocaína reside nas variações individuais da excitabilidade. (FREUD, 1989, p.172). Com relação ao aspecto da influência da individualidade nas variações da força disponível ao trabalho, Jésus Santiago (2001) afirma que a apreensão desse fator de disposição individual associado ao estado de bem-estar geral representa a derrocada do ideal freudiano de quantificar a ação da cocaína (SANTIAGO, 2001, p.74). Freud, por sua vez, finaliza suas pesquisas sobre a cocaína concluindo que seus experimentos foram um fracasso total.

Ressaltamos que os estudos de Freud sobre a cocaína podem ser considerados um fracasso em relação aos seus objetivos naquele momento, mas foram fundamentais para seu primeiro encontro com a falha de um saber que se pretendia universal. Através dos estudos freudianos da cocaína, o programa científico esbarra na falha de um saber que se deve a uma particularidade inerente da dimensão incomensurável do bem-estar subjetivo. Freud entende os efeitos nefastos da cocaína no caso de Fleischl como demonstração da impossibilidade de prever em que condições surgirá o estado tóxico. Essa impossibilidade do saber deve-se, exatamente, à extrema particularidade de cada sujeito, e a morte do paciente aparece como uma contingência, algo imprevisível.

Depois de 40 anos das pesquisas de Freud sobre a cocaína, ele escreveu uma carta a Wittels dizendo que entendera o que havia acontecido: o estudo da cocaína fora, para ele, um *allotrion*¹. Ernest Jones resgata essa afirmação entendendo que Freud utilizara o termo para dizer que o seu interesse pela cocaína foi como a intrusão pontual de um elemento estranho e incompatível com o seu percurso sério em neurofisiologia. A precisão e o rigor com que Freud mediu os efeitos da cocaína nos faz duvidar de que esse estudo teria sido para ele apenas um passatempo, a despeito de sua seriedade científica. Ao contrário, tais pesquisas se realizaram obedecendo aos ideais científicos.

Nota-se uma não concordância sobre o significado que a expressão *allotrion* tem para Freud quando ele a utiliza para caracterizar suas pesquisas sobre a cocaína. Enquanto Jones perde a dimensão do *allotrion* como “outro”, Jean Allouch, por sua vez, toma o episódio da cocaína sob o viés da toxicomania, deixando em plano secundário o fato de que o próprio uso da cocaína serve também aos propósitos de uma pesquisa científica e, sendo assim, a coca está no lugar de objeto do saber de Freud. O que nos interessa aqui é justamente o fato de que a cocaína

¹ Essa palavra grega significa tanto “outro”, quanto “estrangeiro”.

tenha sido estudada rigorosamente por Freud e ainda assim tenha tido efeitos não previstos para seus pacientes. Ou seja, algo do objeto de seus estudos permanecera não-sabido, e a sua crença de que ele havia sido dominado pelo saber científico trouxera efeitos nefastos.

A perspectiva segundo a qual o erro médico em questão advém como consequência da alienação de Freud na promessa do saber veiculado pelos seus mestres é reforçada quando pesquisamos, em Platão, o termo *allotrion* utilizado pelo filósofo para realçar o caráter nocivo do apelo à escrita como sendo constituída por marcas externas, ou seja, que são do outro, estrangeiras. No diálogo de Platão, especialmente no “Fedro”, a escritura é apresentada como sendo uma falsa promessa de acesso ao conhecimento. Como pano de fundo, tem-se a questão dos homens que escreviam discursos que eles mesmos não pronunciavam e que temiam, na posteridade, passarem por sofistas. A discussão em torno do valor da escritura se torna possível devido ao termo pelo qual ela é identificada no diálogo. Jacques Derrida (2005) explica que o termo *phármakon*, pelo qual a escritura foi apresentada como remédio contra o esquecimento, está sujeito a uma reversão de sentido. O autor enfatiza a ambiguidade do termo, que pode significar tanto “remédio” quanto “veneno”. Assim, no mito egípcio sobre o nascimento da escrita, Thoth a apresenta ao rei como sendo “um conhecimento que terá por efeito tornar os Egípcios mais instruídos e mais aptos para se lembrar” (PLATÃO *apud* DERRIDA, 2005, p. 21). No entanto, a novidade da escrita é recebida pelo rei Tamuz como falsa promessa, já que para ele “este conhecimento terá, como resultado, naqueles que o terão adquirido, tornar suas almas esquecidas, uma vez que cessarão de exercer sua memória” (PLATÃO *apud* DERRIDA, 2005, p. 49). A resposta de Tamuz revela o duplo sentido da escritura enquanto remédio e veneno e que Thoth gostaria de suspender para convencer sobre os benefícios da escrita. Assim, o fascínio exercido pela escrita deve-se ao velamento da face refratária ao saber, dando a ilusão de uma completa apreensão do objeto por uma memória sem furos.

Podemos levantar a hipótese de que durante a escrita dos resultados dos estudos sobre a cocaína, Freud estivesse sob o efeito do *allotrion túpoi*, que são as marcas externas da escritura que iludem sobre a completude do saber. Na medida em que escritura é tomada como conjunto de marcas externas à memória (*allotrion túpoi*), ou seja, marcas físicas, espaciais e superficiais dispostas sobre uma plaqueta, ela é

também tomada como aparência. Sabemos que, para Platão, a verdade é da ordem de uma essência encontrada na dimensão do inteligível em contraposição ao mundo da aparência. Se a escrita é da ordem da aparência, então ela não é aprovada como caminho para contemplação da verdade. Outro motivo para a condenação da escrita aos olhos de Platão, é que aquele que dispuser da *tékhnē* da escritura pode ausentar-se sem que as suas marcas cessem de estar lá, ele pode esquecê-las sem que elas abandonem seu serviço. Assim, a escritura dá o poder de falar sem saber, recitar sem cuidado com a verdade, como se a própria escrita, em sua eloquência e por si só, já fosse garantia de veracidade.

Agora podemos entender porque o *alotrion* é o que arrasta para fora de si. No caso de Freud com a cocaína, o descaminho não parece ter sido em relação à neuropatologia séria, como pôde pensar Ernest Jones. Se levarmos em consideração a abordagem platônica, podemos levantar a hipótese de que o verdadeiro desvio de Freud se deu quando ele, iludido pela crença nos poderes da escritura enquanto *alotrion túpoi*, deixa de confiar em si mesmo e nas suas hipóteses em busca de outro saber, o saber escrito da ciência representado no sonho de Irma pelos seus colegas de profissão. Sócrates no diálogo platônico é o exemplo paradigmático desse tipo de encantamento já que ele, ao ser seduzido pelas folhas da escritura, é guiado para fora da cidade:

Sócrates: (...) Não é agitando diante dos animais, quando eles têm fome, um ramo ou um fruto, que os conduzimos? Assim tu fazes para mim: com discursos em folhas que seguras diante de mim, facilmente me farás circular através de toda a Ática, e ainda além, onde bem quiseres (PLATÃO *apud* DERRIDA, 2005, p. 15).

Portanto, vemos, através de uma investigação sobre os estudos de Freud sobre a cocaína, a revelação de pelo menos dois temas que se tornarão caros à Psicanálise. O primeiro deles diz respeito ao que é contingente, ou seja, aquilo que está sempre mudando e que poderia ser infinitamente diferente do que é. O humor que muda constantemente, a sexualidade que tem infinitas formas de se manifestar, a diferença de um sujeito para outro, a singularidade *versus* o tipo, etc. A dimensão incomensurável da cocaína que levou Fleischl à morte não será mais ignorada na Psicanálise, tanto é que o saber do caso a caso virou uma das formas como a Psicanálise é conhecida.

O segundo tema diz respeito às relações com a linguagem. Enquanto Freud foi reconhecido como um exímio escritor,

Jacques Lacan é tido como obscuro e hermético. A entrada do sujeito no campo da linguagem, a relação com experiências para quais ainda não se tem palavra, bem como a relação entre a verdade e a fala, serão temas caros ao desenvolvimento da Psicanálise. Talvez, a experiência inaugural de Freud tenha ensinado aos seus seguidores praticar a desconfiança sobre a relação entre a linguagem e o discurso utilizados para se falar de determinados temas, objetos e eventos para os quais não existe linguagem própria. Mas, se Platão condena a escritura, não poderemos fazer o mesmo na psicanálise, já que se trata aí, antes, de inaugurar uma nova escrita e um discurso próprio de quem lida com o contingente, a desmedida e o singular.

Assim, concluímos que o saber em fracasso na Psicanálise, não é o fracasso do saber, mas antes a inclusão de um ponto de indecidibilidade dentro do próprio saber, sem que isso signifique menosprezá-lo. O saber que quer dizer sobre o sexo e sobre as experiências de perplexidade será sempre incompleto, num devir sem medida e sem limite de acordo com a mutabilidade infinita das coisas e da própria linguagem.

KNOWLEDGE IN FAILURE IN THE OPENING OF PSYCHOANALYSIS FROM THE COCAINE EPISODE

ABSTRACT

In the opening movement of Psychoanalysis, we can see Freud move from the field of medical science into a new relationship with knowledge. When the Father of Psychoanalysis says that it was born the day he interpreted his dream of Irma's injection, he suggests that there we could find something essential from this new discipline. We favored as an object of study the analyst's relationship with the knowledge of science, brought to date through the memory of the cocaine episode. This path allowed a discussion on the limits of knowledge before what is constantly changing and a discussion on the Platonic condemnation of writing. The conclusion is that knowledge in failure in Psychoanalysis is not a failure of knowledge, since this can only have effects in the face of the immeasurable of sexuality when it contains in itself a core of undecidability.

Keywords: Psychoanalysis. Science. Knowledge.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean. **Letra a letra – transcrever, traduzir, transliterar**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FREUD, Sigmund. Über Coca. In: FREUD, Anna; BYCK, Robert. **Freud e a cocaína**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1884 -1989.

FREUD, Sigmund. Ânsia e temor pela cocaína. In: FREUD, Anna; BYCK, Robert. **Freud e a cocaína**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1887 - 1989.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1900 [1915-1917]1976. v. XX.

FREUD, Sigmund. História do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, Sigmund. **Os pensadores**. Editora Nova Cultura, 1914-2005.

FREUD, Sigmund. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise – Conferência. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, [1915-1916] - 1976. v. XX.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LACAN. A ciência e a verdade. In: LACAN. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966-1998.

MILNER, Jean-Claude. **A obra clara – Lacan, a ciência e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SANTIAGO, Jésus. **A droga do toxicômano – uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro, 2001.

Recebido em: 25/06/2015

Aceito em: 09/11/2015